

ROBERTO BOLAÑO

O espírito da ficção científica

Tradução

Eduardo Brandão

Copyright © 2017 by Herdeiros de Roberto Bolaño
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
El espíritu de la ciencia ficción

Capa
Raul Loureiro

Foto de capa
Sem título (1996), óleo sobre tela de Rodrigo Andrade, 160 x 190 cm.

Preparação
Silvia Massimini Felix

Revisão
Angela das Neves
Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bolaño, Roberto, 1953-2003.

O espírito da ficção científica / Roberto Bolaño ; tradução
Eduardo Brandão. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,
2017.

Título original: El espíritu de la ciencia ficción.

ISBN 978-85-359-2828-0

1. Ficção chilena I. Título.

16-07929

CDD-c863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura chilena c863

[2017]
Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

— Posso entrevistá-lo?

— Pois não. Mas seja breve.

— O senhor sabe que é o mais jovem autor a ganhar este prêmio?

— É mesmo?

— Acabo de falar com um dos organizadores. Tive a impressão de que eles estavam emocionados.

— Não sei o que lhe dizer... É uma honra... Fico muito contente.

— Todo mundo parece contente. O que o senhor bebeu?

— Tequila.

— E eu, vodca. A vodca é uma bebida estranha, não acha?

Não são muitas as mulheres que tomam. Vodca pura.

— Não sei o que as mulheres bebem.

— Ah, não? Enfim, tanto faz, a bebida das mulheres é sempre secreta. Eu me refiro à autêntica. À bebedeira infinita. Mas não falemos nisso. Faz uma noite claríssima, não acha? Daqui se podem contemplar os lugarejos mais longínquos e as estrelas mais distantes.

— É um efeito óptico, senhorita. Se olhar com cuidado, vai observar que as janelas estão embaçadas de uma forma muito curiosa. Saia ao terraço, acho que estamos bem no meio do bosque. Praticamente só podemos ver galhos de árvores.

— Então essas estrelas são de papel, é claro. E as luzes dos vilarejos?

— Areia fosforescente.

— Que inteligente, o senhor! Por favor, me fale da sua obra. Do senhor e da sua obra.

— Estou um pouco nervoso, sabe? Toda aquela gente ali, cantando e dançando sem parar, não sei...

— Não gosta da festa?

— Acho que todo mundo está bêbado.

— São os vencedores e finalistas de todos os prêmios anteriores.

— Santo Deus.

— Estão comemorando o fim de outro certame. É... natural.

Pela cabeça de Jan passaram os fantasmas e os dias fantasmais, creio que foi rápido, um suspiro e agora só restava Jan no chão, suando e dando gritos de dor. Também há que destacar suas expressões, a impressão de suas expressões geladas, como me dando a entender que havia algo no teto, o quê?, falei enquanto meu indicador subia e descia com uma lentidão exasperante, ai, merda, disse Jan, como dói, ratazanas, ratazanas alpinistas, baba-ca, e depois disse ah-ah-ah, e eu o segurei com os braços, ou o sujeitei, e foi então que me dei conta de que não só suava a cântaros, mas que o mar era frio. Sei que devia ter saído em disparada para procurar um médico, mas intuí que ele não queria ficar sozinho. Ou talvez eu tenha tido medo de sair. (Nessa noite eu soube que a noite era verdadeiramente grande.) Na verdade, visto com certa perspectiva, creio que para Jan dava na mesma eu ir ou ficar. Mas não queria um médico. Assim, eu disse a ele não morra, você está igualzinho ao idiota de Dostoiévski, eu te traria um espelho se tivéssemos um, mas como não temos, acredite em mim e trate de relaxar e não vá morrer. Então, mas

antes suou pelo menos um rio norueguês, ele disse que o teto do nosso quarto estava invadido por ratazanas mutantes, não está ouvindo?, sussurrou com minha mão em sua testa e eu disse que sim, é a primeira vez que ouço guinchos de ratazanas no teto de um quarto na cobertura de um oitavo andar. Ah, disse Jan. Pobre Posadas, falou. Seu corpo era tão magro e comprido que eu me prometi que no futuro me preocuparia mais com sua comida. Depois pareceu adormecer, os olhos semicerrados, de cara para a parede. Acendi um cigarro. Pela nossa única janela começaram a aparecer as primeiras luzes do amanhecer. A avenida, lá embaixo, continuava escura e deserta de gente, mas os carros circulavam com certa regularidade. De repente, às minhas costas, ouvi os roncoss de Jan. Olhei para ele, dormia, nu no colchonete sem lençóis, em sua testa uma mecha de cabelos louros que pouco a pouco ia secando. Encostei-me na parede e me deixei deslizar até ficar sentado num canto. Pela janela passou um avião: luzes vermelhas, verdes, azuis, amarelas, o ovo de um arco-íris. Fechei os olhos e pensei nos últimos dias, nas grandes cenas tristes e no que eu podia apalpar e ver, depois me despi, me estirei no meu colchonete e tratei de imaginar os pesadelos de Jan, e de repente, antes de adormecer, como se me sugerissem, tive a certeza de que Jan havia sentido muitas coisas naquela noite, mas não medo.

Cara Alice Sheldon,

Só queria lhe dizer que a admiro profundamente... Li seus livros com devoção... Quando tive que me desfazer da minha biblioteca — que nunca foi grande, mas tampouco pequena —, não fui capaz de dar todas as suas obras... Assim, conservo *No cimo do mundo* e às vezes recito de cor alguns trechos... Para mim mesmo... Li também seus contos, mas esses desgraçadamente fui perdendo... Aqui saíram em antologias e revistas e algumas chegavam à minha cidade... Havia um sujeito que me emprestava coisas raras... E também conheci um escritor de ficção científica... Para muita gente, o único escritor de ficção científica do meu país... Mas não acho... Remo me conta que a mãe dele conheceu outro faz mais de dez ou quinze anos... Chamava-se González, ou é o que meu amigo crê recordar, e era funcionário do departamento de estatística do Hospital de Valparaíso... Dava dinheiro à mãe de Remo e às outras garotas para que comprassem seu romance... Editado com seu próprio dinheiro... Assim eram as tardes de Valparaíso, completamente

vermelhas e estriadas... González aguardava do lado de fora da livraria e a mãe de Remo entrava e comprava o livro... E, claro, só venderam os livros que as garotas e os rapazes do departamento de estatística compravam... Remo lembra do nome deles: Maite, dona Lucía, Rabanales, Pereira... Mas não do título do livro... Invasão marciana... Voo à nebulosa de Andrômeda... O segredo dos Andes... Não posso imaginar... Talvez algum dia encontre um exemplar... Depois de lê-lo, irei lhe mandar como uma modestíssima retribuição às horas de alegria que a senhora me deu...

Seu,

Jan Schrella

— Falemos então da obra vencedora.

— Bem, não há muito a dizer. Quer que lhe conte de que se trata?

— Seria um prazer ouvi-lo.

— Tudo começa em Santa Bárbara, um povoado perto dos Andes, no sul do Chile. É um povoado espantoso, pelo menos como eu o vejo, nada parecido com esses formosos povoadinhos mexicanos. No entanto, tem uma característica que o enobrece: todas as casas são de madeira. Devo confessar que nunca estive lá, mas posso imaginá-lo deste modo: casas de madeira, ruas sem pavimentação, fachadas que percorrem toda a gama do marrom, calçadas inexistentes ou, como nos filmes de faroeste, rampas desiguais de madeira para que em época de chuva o barro não entre nas casas. Nessa Santa Bárbara dos pesadelos ou das brincadeiras começa a história. Para ser mais preciso, na Academia da Batata, uma espécie de tulha de três andares, com cata-vento de ferro forjado no telhado, provavelmente o edifício mais desolado da rua Galvarino e que cá entre nós é uma das tantas faculdades espalhadas pelo mundo da Universidade Desconhecida.

— Muito intrigante, conte, conte.

— No primeiro andar só há dois ambientes. O primeiro é enorme, antigamente guardavam ali até tratores; o outro é diminuto e fica num canto. No ambiente grande há várias mesas, cadeiras, arquivos e até sacos de dormir e colchonetes. Pregados nas paredes, podem se ver pôsteres e desenhos de diversos tipos de tubérculos. No ambiente pequeno não há nada. É um cômodo com o chão, o teto e as paredes de madeira, mas não de madeira velha dos anos em que se construiu a tulha, e sim de madeira nova, bem cortada e polida, de uma cor quase preto-azeviche. Não estou te aborrecendo?

— Não, prossiga, prossiga. Isto para mim é um descanso. Não sabe as entrevistas que fiz esta manhã na Cidade do México. Nós, jornalistas, trabalhamos como escravos.

— Bom. No segundo andar, ao qual se sobe por uma escada sem corrimãos, há outros dois quartos, ambos com as mesmas dimensões. Num deles há várias cadeiras, todas diferentes, uma mesa de escritório, um quadro-negro e outros implementos que dão uma ideia muito vaga e distante, meio apagada, de uma sala de aula. No outro não há nada além de ferramentas agrícolas velhas e enferrujadas. Finalmente, no terceiro andar, ao qual se sobe pelo quarto de ferramentas, encontramos um equipamento de radioamador e uma profusão de mapas esparramados pelo chão, uma pequena emissora que transmite em FM, um equipamento de gravação semiprofissional, uma série de amplificadores japoneses etc. Digo et cetera porque o que não lhe contei não tem importância ou logo irá aparecer e você ficará sabendo nesse momento com todos os detalhes.

— Caro amigo, que suspense.

— Pouparamos as observações irônicas. Eu dizia que no terceiro andar, na verdade um só e imenso ambiente em mansarda, se encontram espalhadas todas essas engenhocas da comunicação

moderna ou quase moderna. O equipamento de radioamador é o único sobrevivente de várias engenhocas modernas empregadas na Academia para uso escolar e que a fome do encarregado e o aparente desinteresse que os professores geralmente mostram obrigaram a vender. A desordem que reina ali é total, alguém diria que há meses ninguém se dá ao trabalho de varrer ou faxinar o lugar. O cômodo tem duas janelas, poucas para sua magnitude, ambas com persianas de madeira. Da fachada voltada para o leste se vê a cordilheira. Na outra, a vista é um bosque interminável e o início ou o fim de uma estrada.

— Uma paisagem idílica.

— Uma paisagem idílica ou uma paisagem aterrorizante, conforme se olhe.

— Hummm...

— A Academia é rodeada por um pátio. Antigamente se acumulavam ali carroças e caminhões. Agora no pátio não há nenhum veículo, salvo a bicicleta do encarregado, um homem de sessenta e tantos anos, amante da vida saudável, daí a bicicleta. O pátio está rodeado por uma cerca de madeira e arame. Só há duas portas. O portão principal, grande e pesado, em cuja parte externa está pendurada uma placa de metal amarelado com letras pretas que dizem ACADEMIA DA BATATA — PESQUISAS ALIMENTÍCIAS 3 e, mais abaixo, em letras minúsculas, o nome e o número da rua: GALVARINO, 800. A outra parte está no que um visitante normal chamaria de pátio dos fundos. Essa porta é pequena e não dá para a rua, mas para um descampado e depois para o bosque e o caminho.

— Esse caminho é o mesmo que se observa da água-furtada?

— Sim, o rabo do caminho.

— Que bonito deve ser morar numa água-furtada, mesmo que seja pequenina.

— Vivi centenas de anos num quarto. Não recomendo.

— Eu não disse quarto, disse água-furtada.

— É a mesma coisa. A paisagem é a mesma. Uma paisagem de patíbulo, mas com profundidade. Com amanheceres e entardeceres.

Pensei que era uma cena ideal em torno da qual podiam girar as imagens ou os desejos: um jovem de um metro e setenta e seis, de jeans e camiseta azul, detido sob o sol no meio-fio da avenida mais longa das Américas.

Isso queria dizer que por fim estávamos na Cidade do México e que o sol que despontava para mim entre os edifícios era o sol tantas vezes sonhado do DF. Acendi um cigarro e procurei nossa janela. O edifício em que morávamos era cinza-esverdeado, como o uniforme da Wehrmacht, dissera Jan três dias antes, ao encontrar o quarto. Nos balcões dos apartamentos viam-se flores; mais acima, menores que algumas jardineiras, ficavam as janelas dos tetos dos prédios. Senti-me tentado a gritar a Jan que aparecesse à janela e observasse nosso futuro. E depois? Picar a mula, dizer a ele vou indo, Jan, trarei abacates para comermos (e leite, embora Jan odiasse leite) e boas notícias, supercarinha, o equilíbrio imaculado, o desastrado perpétuo nas antessalas do grande trabalho, serei repórter estrela de uma seção de poesia, telefones não me faltavam.

Então o coração começou a martelar de uma forma estranha. Pensei: sou uma estátua parada entre a rua e a calçada. Não gritei. Saí andando. Segundos depois, quando ainda não saíra da sombra do nosso edifício, ou do tecido de sombras que cobria esse trecho, apareceu minha imagem refletida na vitrine do Sanborns, estranha cópia mental, um jovem com uma camiseta azul destroçada e cabelo comprido, que se inclinava com uma estranha genuflexão ante os adornos e os crimes (mas que adornos e que crimes, de imediato me esqueci) com pães e abacates entre os braços e um litro de leite Lala, e os olhos, não os meus mas os que se perdiam no buraco negro da vitrine, empequenedos como se de repente tivessem visto o deserto.

Virei-me com um movimento suave. Eu sabia. Jan estava olhando para mim da janela. Agitei as mãos no ar. Jan gritou algo ininteligível e pôs metade do corpo para fora. Dei um pulo. Jan respondeu movendo a cabeça de trás para a frente e depois em círculos cada vez mais rápidos. Tive medo de que se jogasse. Desatei a rir. As pessoas que passavam ficavam olhando para mim e depois erguiam a vista e viam Jan, que fazia o gesto de levantar uma perna para chutar a nuvem. É meu amigo, disse a eles, estamos aqui há poucos dias. Ele está me encorajando. Vou procurar trabalho. Ah, bom, que bom amigo, disseram alguns e seguiram seu caminho sorrindo.

Pensei que nunca aconteceria nada de mau conosco naquela cidade tão acolhedora. Como estava perto e distante do que o destino me reservava! Como agora são tristes e transparentes em minha memória aqueles primeiros sorrisos mexicanos!

— Sonhei com um russo... Que acha?

— Não sei... Sonhei com uma loura... Entardecia... Sabe, era como nos arredores de Los Angeles, mas logo, logo não era mais Los Angeles, e sim o DF, e a loura passeava por uns túneis de plástico transparente... Ela tinha um olhar muito triste... Mas sonhei isso ontem, no ônibus.

— No meu sonho, o russo estava muito contente. Tive a impressão de que ia embarcar numa nave espacial.

— Então era o Yuri Gagarin.

— Te sirvo mais tequila?

— Anda, maninho, sirva.

— Primeiro eu também achei que era o Yuri Gagarin, mas você não imagina o que aconteceu depois... No sonho fiquei todo arrepiado.

— Mas você dormiu muito bem. Escrevi até tarde e você estava bem.

— Bom, mas o russo enfiou seu traje espacial e me deu as costas. Foi embora. Eu queria ir atrás dele, mas não sei o que

acontecía comigo que não conseguia andar. Então o russo fez meia-volta e me deu adeus com a mão... Sabe como era, quem era?

— Não...

— Um golfinho... Dentro do traje havia um golfinho.... Fiquei arrepiado e me deu vontade de chorar...

— Mas você nem roncou.

— Era terrível... Agora não me parece, mas no sonho era assustador, como se algo me desse um nó na garganta. Não era a morte, sabe?, era a bebedeira, isso sim.

— O golfinho de Leningrado.

— Creio que era um aviso... Você não dormiu?

— Não, escrevi a noite toda.

— Está com frio?

— Pra caramba. Pô, nunca pensei que passaria frio aqui.

— Está amanhecendo.

Nossas cabeças mal cabiam na janela. Jan disse que tinha pensado em Boris. Disse isso sem dar importância.

O amanhecer disse: sou fora de série. Vão se acostumando. Uma vez a cada três dias eu venho.

— *Chucha*, que amanhecer! — disse Jan com os olhos bem abertos e as mãos cerradas.

Comecei a trabalhar no suplemento cultural do *La Nación*. O diretor do suplemento, Rodríguez, um velho poeta andaluz que tinha sido amigo de Miguel Hernández, me permitiu colaborar em todos os números do suplemento, isto é, uma vez por semana. Com o que eu ganhava, quatro textos por mês, podíamos viver uns oito ou nove dias. Os vinte e um dias restantes custeei fazendo artigos para uma revista de pseudo-história dirigida por um argentino tão velho quanto Rodríguez, mas que tinha a pele mais esticada e lisa que já vi e que, por razões evidentes, chamavam de “Boneca”. Meus pais e os pais de Jan davam o resto. A coisa acabava saindo mais ou menos assim: trinta por cento do dinheiro saía do *La Nación*, outros trinta por cento dos nossos pais e quarenta por cento de *Historia y Mundo*, que era o nome do monstrengo da Boneca. Os quatro trabalhos do *La Nación* eu costumava terminar nuns dois dias; eram resenhas de livros de poesia, um ou outro romance, raramente um ensaio. Rodríguez me entregava os livros sábado de manhã, que era quando todos ou quase todos os que colaboravam para o

suplemento se reuniam no estreito cubículo que o velho tinha como escritório a fim de entregar seus trabalhos, receber seus cheques, propor ideias que devem ter sido péssimas ou que talvez Rodríguez nunca tenha aceitado porque o suplemento não passou de uma porcaria. A gente ia aos sábados principalmente para conversar com os amigos e falar mal dos inimigos. Todos eram poetas, todos bebiam, todos eram mais velhos que eu. Não era muito divertido, mas não faltei nenhum sábado ao encontro. Quando Rodríguez dava o dia por encerrado, íamos para os cafês e continuávamos papeando até que um a um os poetas voltavam para suas ocupações e eu ficava sozinho na mesa, com as pernas cruzadas e contemplando a perspectiva interminável que se via através das vidraças, rapazes e moças do DF, policiais extáticos e um sol que parecia vigiar o planeta do topo dos edifícios. Com a Boneca as coisas eram diferentes. Primeiro, um pudor de que agora me ruborizo me levou a nunca assinar uma crônica com meu nome. Quando disse isso, a Boneca pestanejou dolorido mas depois aceitou. Que nome você quer se dar, menino?, resmungou. Respondi sem vacilar: Antonio Pérez. Sei, sei, disse a Boneca, você tem ambições literárias. Juro que não, menti. Mas vou te cobrar qualidade, falou. E depois, porém cada vez mais triste: a qualidade de coisas lindas que se podem tirar desses temas. Meu primeiro trabalho foi sobre Dillinger. O segundo foi sobre a Camorra Napolitana (Antonio Pérez então chegou a citar parágrafos inteiros de um conto de Conrad!). Depois vieram “O massacre do dia de São Valentim”, “A vida de uma envenenadora de Walla-Walla”, “O sequestro do filho de Lindbergh” etc. O escritório da *Historia y Mundo* ficava num velho prédio da Colonia Lindavista, e o tempo todo que andei levando artigos nunca encontrei ninguém além da Boneca. Nossos encontros eram breves: eu entregava os textos e ele me encomendava novos trabalhos e me emprestava material para que eu me documen-

tasse, fotocópias de revistas que ele havia dirigido em sua Buenos Aires natal junto com fotocópias de revistas irmãs da Espanha e da Venezuela, de que eu tirava não somente dados mas também, ocasionalmente, plagiava com total descaramento. Às vezes a Boneca perguntava pelos pais de Jan, que ele conhecia havia muito tempo, e depois suspirava. E o filho dos Schrella? Vai bem. O que ele faz? Nada, estuda. Ah. E era tudo. Jan, claro, não estudava, embora tenhamos contado essa mentira dos estudos a seus pais para que eles ficassem sossegados. Na verdade, Jan não saía do quartinho na cobertura. Passava o dia inteiro metido lá fazendo sabe Deus o quê. Saía, sim, do quarto para o banheiro ou do quarto para o chuveiro que compartilhávamos com os outros inquilinos da cobertura, e às vezes descia, dava uma volta pela Insurgentes, não mais de dois quarteirões, devagar e como que farejando alguma coisa, e logo, logo estava de volta. No que me diz respeito, eu me sentia bastante sozinho e tinha necessidade de conhecer outras pessoas. Quem me deu a solução foi um poeta do *La Nación* que trabalhava na seção de esportes. Ele me disse: vá à Oficina de Poesia da Faculdade de Filosofia e Letras. Disse a ele que não acreditava em oficinas de poesia. Ele me disse: lá você vai encontrar gente jovem, gente da sua idade e não uns bêbados de merda, uns fracassados que só pensam em ser assalariados do jornal. Sorri, agora esse babacão vai se pôr a chorar, pensei. Ele disse: poetisas, lá tem poetisas, cara, aproveite. Ah.